

Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa

A. M. DIAS DIOGO
LAURA TRINDADE

R E S U M O Partindo do estudo dos materiais e da estratigrafia encontrados numa cetária escavada na Baixa de Lisboa durante uma intervenção de emergência, os autores propõem avançar para a segunda metade do século V a datação do fim da transformação piscícola industrial em Olisipo.

A B S T R A C T The authors attempt to establish a new chronology for the end of the fish-processing industry in Olisipo, using the artifactual and stratigraphic evidence found during a rescue excavation of a fish-processing tank in downtown Lisbon.

Introdução

A escavação arqueológica que agora se publica foi dirigida pelo primeiro subscritor deste estudo, tendo sido efectuada entre 5 e 8 de Abril de 1993, no âmbito das atribuições do extinto Gabinete Técnico do Teatro Romano (Câmara Municipal de Lisboa). Tratou-se de uma intervenção de emergência, do tipo “arqueologia reactiva”, provocada pelo aparecimento de materiais cerâmicos e de um tanque revestido com *opus signinum*, durante as obras de remodelação de uma loja com os números de polícia 68-76 da rua dos Fanqueiros e 15-19 de rua da Conceição. O promotor da obra pretendia inicialmente nivelar o pavimento da loja, projecto que abandonou face aos achados arqueológicos, tendo-se assim a intervenção restringido essencialmente à área já afectada.

As estruturas arqueológicas descobertas foram preservadas, tendo a cetária principal sido consolidada e integrada na loja, com um projecto também da nossa autoria (Diogo, 1994); a sua execução foi financiada pelo dono da obra.



Fig 1 Localização geral da intervenção.

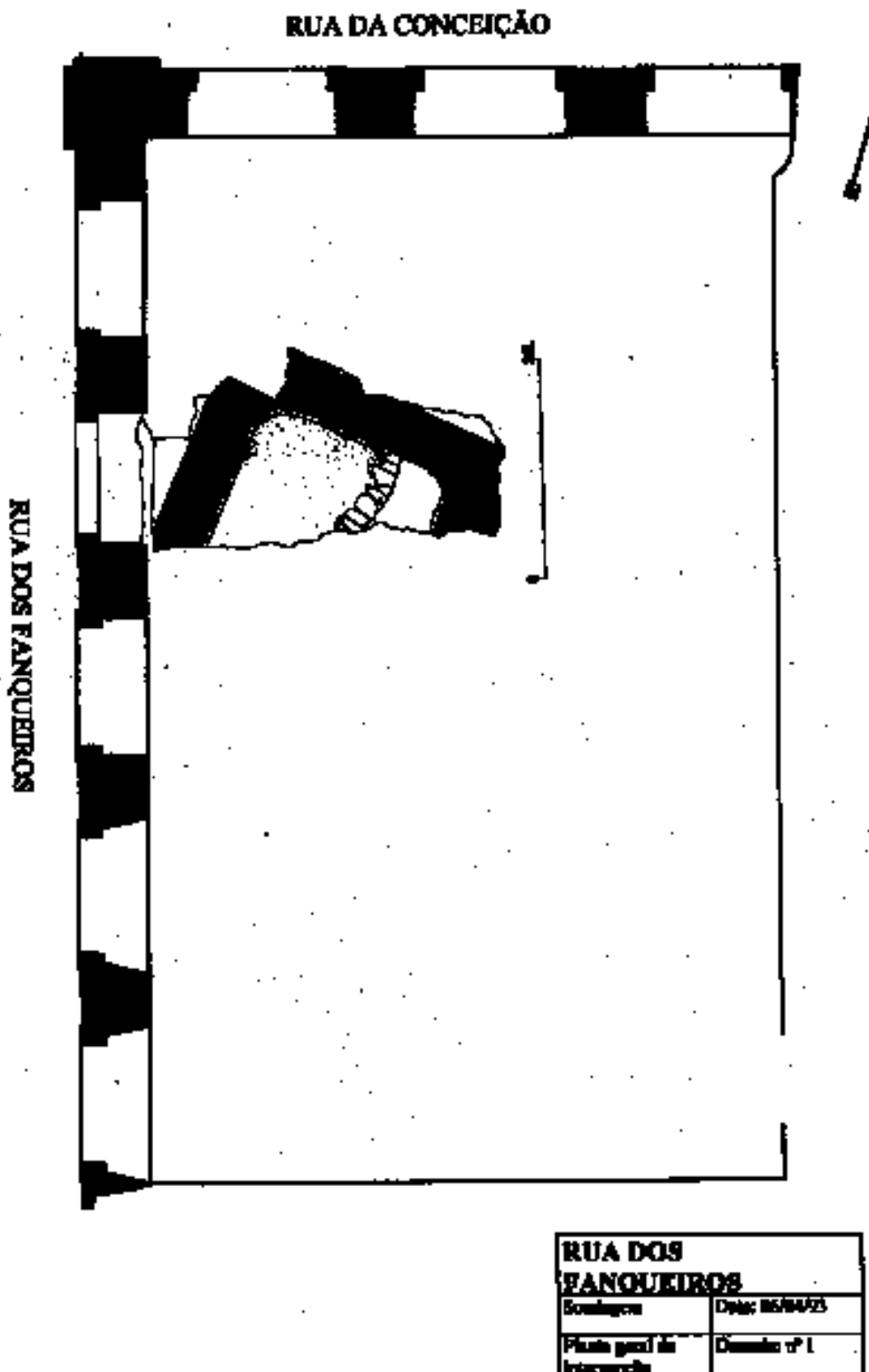


Fig 2 Implantação das estruturas escavadas no interior da loja.

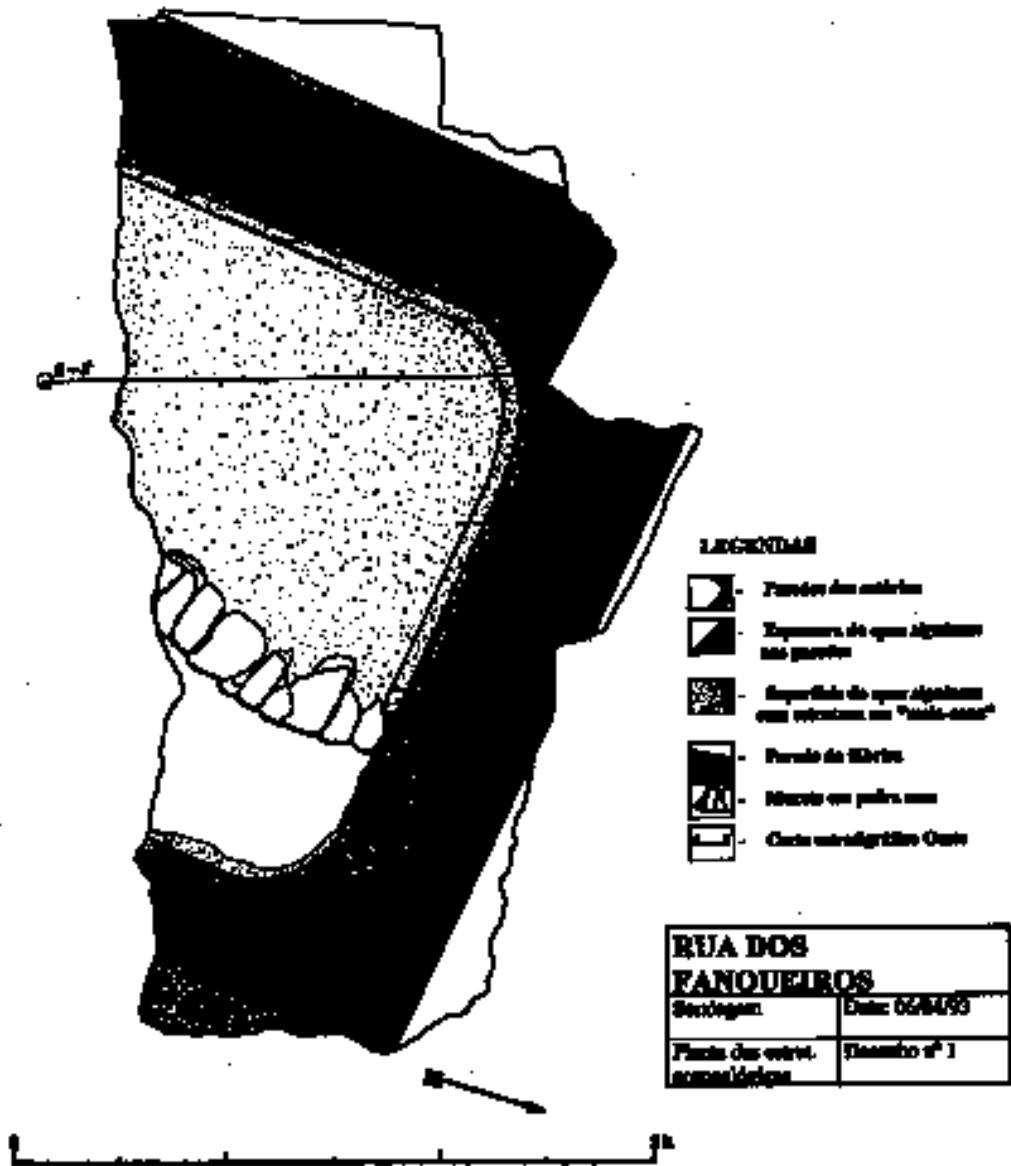


Fig 3 Planta das estruturas arqueológicas e implantação do corte estratigráfico.



Fig 4 Corte estratigráfico.



Fig 5 Vista geral da intervenção na rua dos Fanqueiros, tirada de Norte.



Fig 6 Particular, tirado de Norte, do murete no interior da cetária.

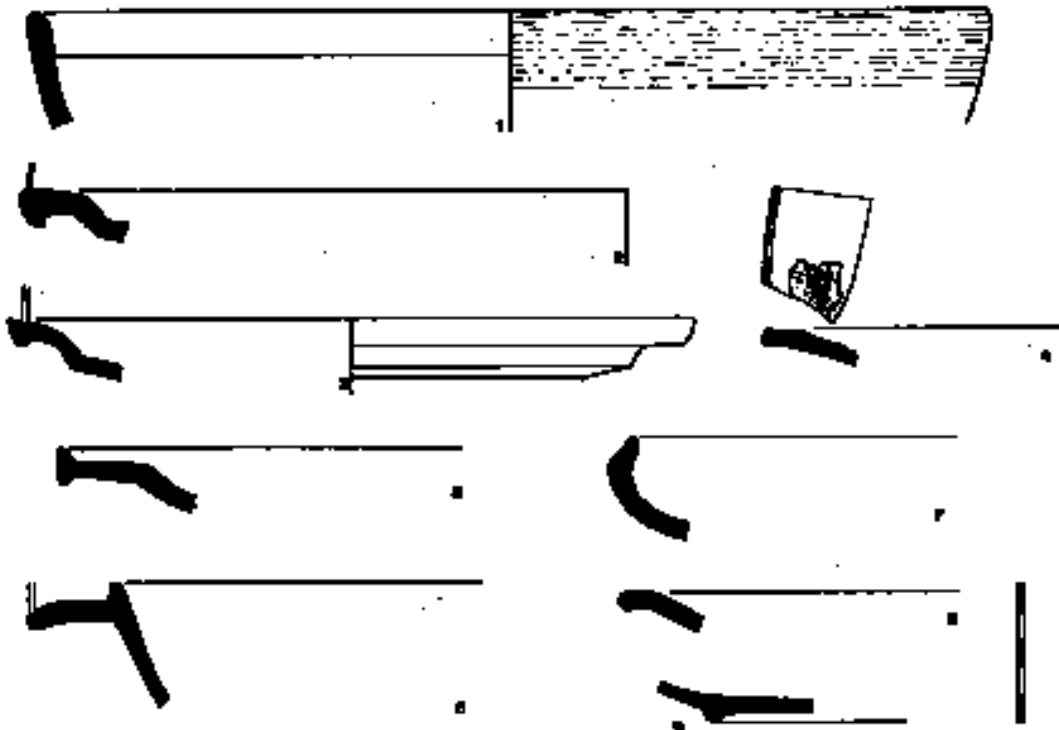


Fig 7 Cerâmica Africana de Cozinha (n.º 1), Sigillata Focense Tardia (n.º 9) e Sigillatas Claras da intervenção na rua dos Fanqueiros.

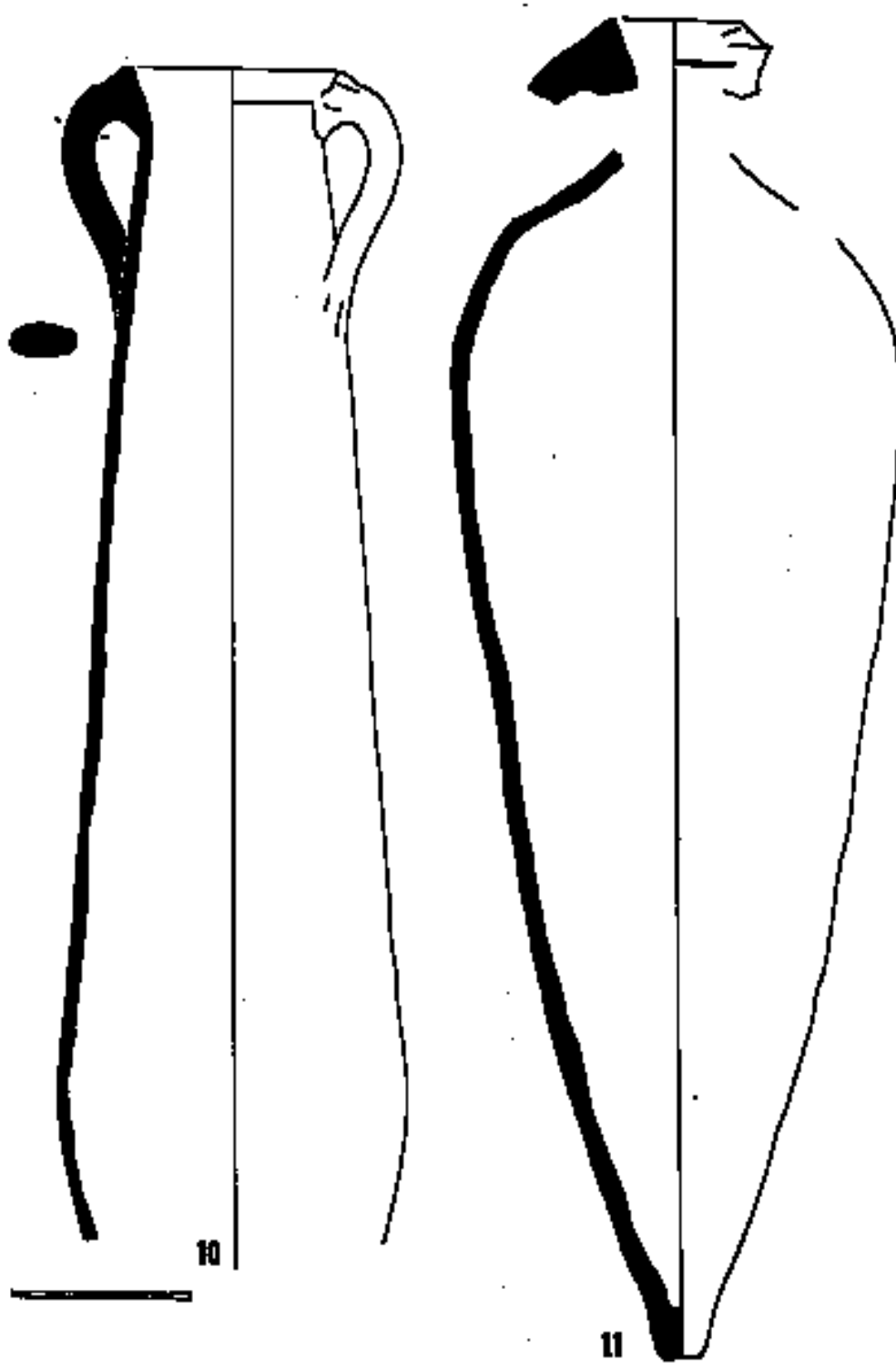


Fig 8 Ânforas da intervenção na rua dos Fanqueiros.

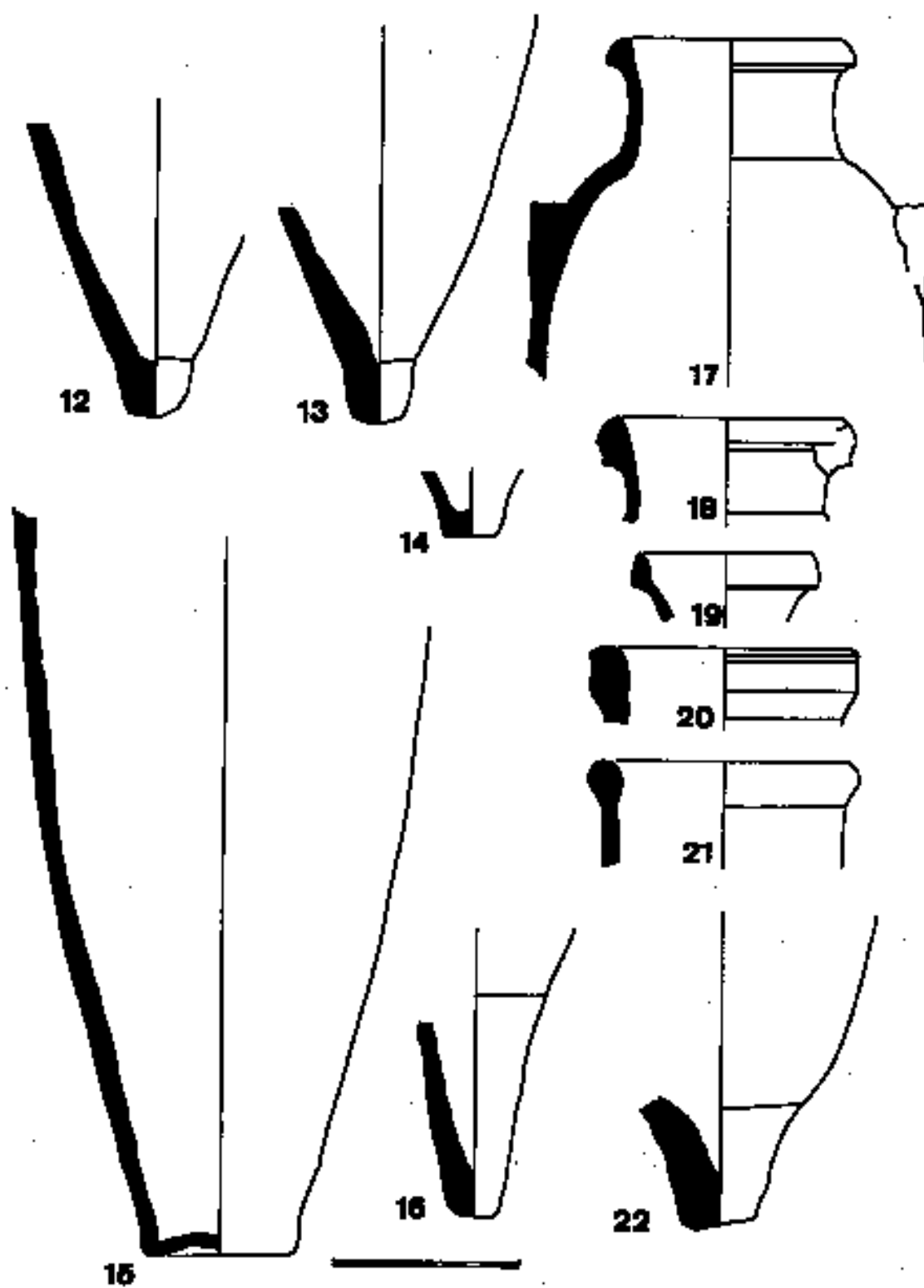


Fig 9 Ânforas da intervenção na rua dos Fanqueiros.

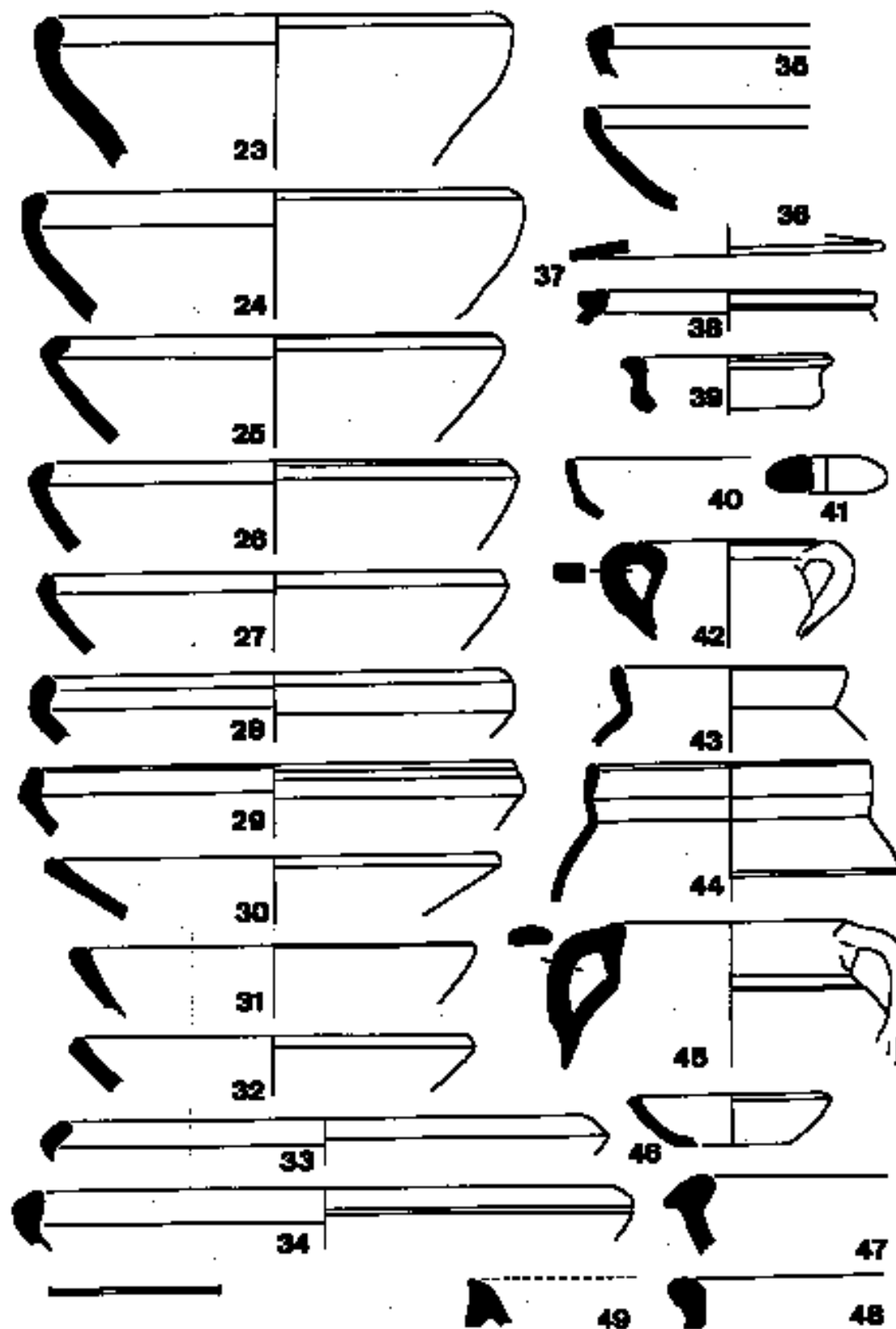


Fig 10 Cerâmicas comuns da intervenção na rua dos Fanqueiros.

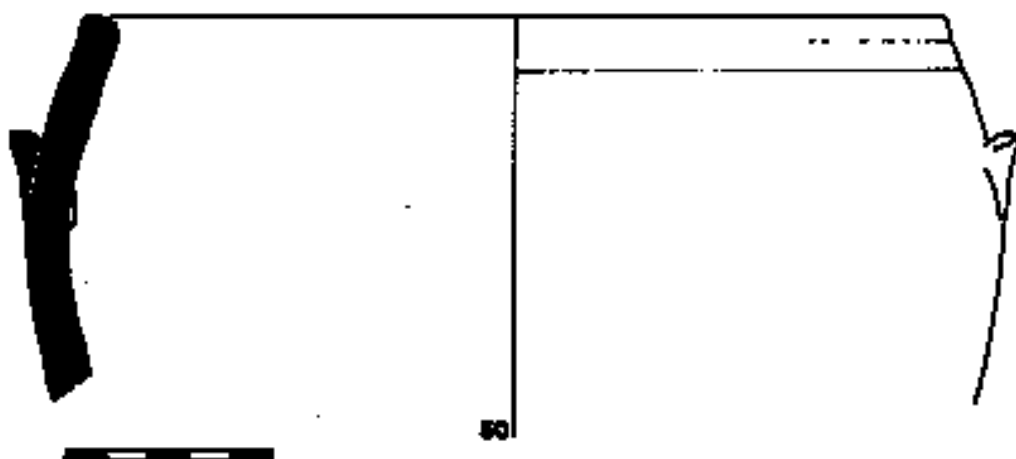


Fig. 11 Fragmento de tacho visigótico da intervenção na rua dos Fanqueiros.

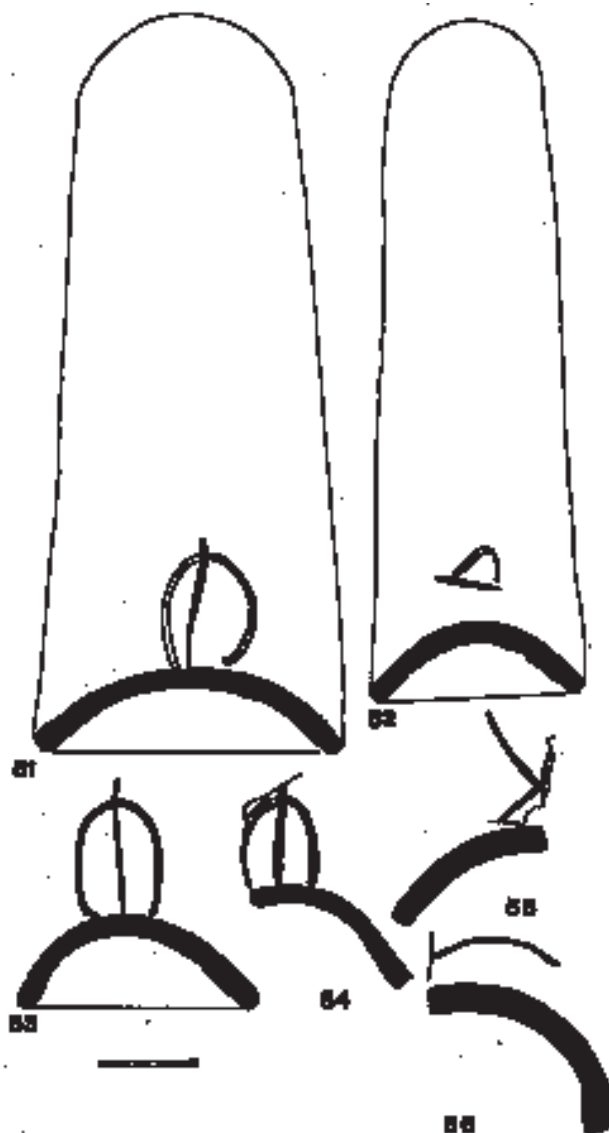


Fig. 12 *Imbrices* da intervenção na rua dos Fanqueiros.

Estruturas e estratigrafia

A escavação foi inicialmente efectuada num rectângulo de 3,20 x 2 m, o que permitiu definir uma cetária com a orientação este/oeste, de 2,84 m de comprimento máximo e com a largura obliquamente interrompida a sul pela implantação do alicerce de um arco do edifício pombalino, já anteriormente demolido e substituído por um pórtico de ferro.

Ao contrário do que geralmente aconteceu com a reurbanização pombalina na Baixa de Lisboa, em que o nivelamento do solo foi efectuada através do depósito de entulhos para aumentar a cota das soleiras (Diogo e Trindade, no prelo), no presente caso, pelo facto de a cota pré-pombalina ser relativamente elevada, o nivelamento foi efectuada através de escavação e remoção de terras, o que destruiu o coroamento dos muros da cetária, que assim apenas conservou uma altura máxima de 1,90 m.

Tendo em conta os materiais que se lhe encontraram associados, é de época anterior ao terramoto de 1755 a violação registada no pavimento da área este da cetária. Com uma largura média de cerca de 70 cm e com o comprimento a prolongar-se para sul, sob o alicerce do arco pombalino, esta violação era delimitada a oeste por um murete em pedra solta. Aparenta corresponder a um poço, cuja abertura e consolidação aproveitou paredes da cetária.

Efectuado o corte estratigráfico no interior da cetária e o seu registo (Figs. 3 e 4, A – A'), pudemos alargar a intervenção para oeste, até ao interior do muro da fachada do edifício pombalino. Daqui resultou a descoberta de vestígios de uma segunda cetária, denunciada pela curvatura da parede e pelo revestimento interno com *opus signinum*, que não foi escavada em profundidade dada a exiguidade do espaço disponível.

Feito de alvenaria de pequena pedra argamassada, o muro entre as duas cetárias tinha a largura de cerca de 68 cm, compreendendo os revestimentos de *opus signinum*, com cerca de 6 cm de espessura média e feitos com inertes de brita calcária e fragmentos cerâmicos. O muro da cetária a este era mais estreito, com apenas 45 cm de espessura média e encontrava-se encostado a outro muro paralelo, cuja existência apenas pode ser justificada enquanto muro de limite do edifício romano. De facto, tudo aponta para que nos encontremos no canto nordeste de uma unidade de transformação do pescado, dado também o muro norte não apresentar vestígios de revestimento no exterior em *opus signinum* e os seus ângulos não serem encurvados. Este tipo de fabriquetas era geralmente coberto com um telhado de duas águas e tinha uma planta rectangular, distribuindo-se as cetárias ao longo de três dos lados do rectângulo. Num dos lados maiores ficava a entrada, geralmente central, que neste caso seria a oeste, dando acesso a uma sala rectangular para amanho do pescado, com o pavimento em *opus signinum*. Geralmente, poços exteriores a estes edifícios, mas por vezes também condutas, forneciam a água necessária para o amanho e salmoura dos pescados (Diogo e Costa, 1996).

Foram registadas 11 camadas estratigráficas nesta intervenção:

Camada 1

Terra argilosa, castanho escura, solta e com cinzas, imediatamente sob a argamassa do pavimento da loja.

Camada 2

Terra argilosa, castanho escura, medianamente solta, com cinzas e blocos de *opus signinum* provenientes das destruições das cetárias, mais espessa a sul. Trata-se de uma camada de deposição pombalina, originada pela construção do alicerce do arco.

Camada 3

Terra castanha, muito escura, solta, existente na área da estrutura a este, que interpretamos como poço. Trata-se de uma camada de deposição pombalina.

Camada 4

Terra argilosa, castanho clara-esverdeada, medianamente compacta e com cinzas, junto ao muro norte da cetária. Trata-se de uma bolsa de deposição pombalina.

Camada 4a – Terra semelhante à anterior, sob a qual se encontra, mas com grande concentração de fragmentos de reboco. Trata-se de uma bolsa de deposição pombalina.

Camada 5

Terra castanho-escura, solta e com cinzas abundantes, existente sob a camada 3, no interior do provável poço. Trata-se de uma camada de deposição pombalina.

Camada 6

Terra argilosa, bege-amarelada, muito compacta, sob as camadas 4 e 6. Trata-se de uma camada de deposição pombalina, provocada pela construção do alicerce do arco.

Camada 7

Terra argilosa, muito escura e humosa. Encontra-se sob as camadas 6 e 4a e prolonga-se a sul, por debaixo do alicerce pombalino. Trata-se de uma camada originada após a destruição da fábrica de transformação do pescado.

Camada 8

Terra argilosa, castanho-esverdeada, solta, com *imbrices* e outros materiais de construção. Encontra-se junto ao muro norte da cetária, sob as camadas 4a e 7, apresentando uma forte inclinação para sul. Trata-se de uma camada proveniente da destruição da fábrica.

Camada 9

Terra argilosa, castanho-acinzentada, solta, com espinhas de peixes, pedras, abundantes *imbrices* e outros materiais de construção. Encontra-se sob as camadas 8 e 7, apresentando uma maior espessura a norte. Trata-se da primeira camada originada pela destruição da fábrica.

Camada 10

Fino estrato de terra bege-alaranjada, muito solta e homogénea, com espinhas de peixes. Encontra-se na área sul da cetária, sob a camada 9 e prolonga-se por debaixo do alicerce pombalino. Trata-se da segunda camada registada de depósito posterior ao abandono da cetária.

Camada 11

Fino estrato de terra argilosa, verde-acinzentada, pouco compacta e homogénea, com espinhas de peixes. Encontra-se sob a camada 10 e prolonga-se para sul, sob o alicerce pombalino. Trata-se da primeira camada registada de depósito posterior ao abandono da cetária.

Excepto pela camada 1, de nivelamento para a implantação do pavimento da loja, todas as outras camadas foram encontradas no interior da cetária escavada, dividindo-se as cronologias da sua formação por duas épocas. As camadas 2 a 6 são pombalinas, sendo as 3 e 5 resultantes do entulhamento do provável poço que violou o pavimento da cetária a este, e as outras provocadas pela escavação para a construção do alicerce do arco pombalino. As restantes foram originadas pelo abandono e pela destruição da fábrica, como se comprova pela presença dos vestígios de materiais de construção e pelas cronologias das cerâmicas datáveis a elas associadas. As camadas 8 e 9, com a sua inclinação norte/sul, indiciam claramente o derrube do telhado e a destruição dos muros exteriores da fábrica.

Materiais

O fragmento de tacho engobado, n.º 1, em “cerâmica africana de cozinha”, de forma Lamboglia 10 A, é proveniente da camada 6 e tem uma cronologia que vai, provavelmente, de meados do século II aos começos do V. Proveniente da camada 8 é o fragmento n.º 6, em sigillata africana clara D, um almofariz de forma Hayes 91, datado de 350/450.

Da camada 9 são provenientes os fragmentos n.ºs 2 e 3, pertencentes a dois pratos em sigillata clara D, de forma Hayes 67, datáveis de 360/470. Ainda desta camada são os fragmentos n.ºs 7 e 8; o primeiro pertence também a um prato em sigillata clara D, mas de forma Hayes 61 A, datado de 325/400, o segundo é um fragmento de fundo de prato ou taça em sigillata focense tardia, de forma indeterminável. Este último tipo de sigillata já está atestado em Lisboa, através de um conjunto de seis fragmentos provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano, e onde se encontram as formas Hayes 5 A e Hayes 3, na proporção de 1:5 (Diogo e Trindade, 1999), o presente fragmento terá uma cronologia genérica de 460 a 600.

Da camada 10 são provenientes os fragmentos n.º 4, uma taça em sigillata clara C, de forma Hayes 52 B, com um felino aplicado em alto relevo no dorso da aba, datável de 280/300 a finais do século IV/inícios do V, e os n.ºs 5 e 8, ambos pertencentes a pratos em sigillata clara D, o primeiro, uma forma Hayes 76, datável de 425/475 e o segundo de forma Hayes 57, a que é interrogada a datação de 325 a 400.

No que diz respeito a ânforas lusitanas, esta escavação permitiu recolher duas ânforas quase completas provenientes da camada 8, de tipos L. 6 (n.º 10) e L. 4 (n.º 11). Desta Camada foi ainda recuperado o fragmento de bojo e fundo n.º 12, pertencente a uma ânfora Lusitana 4.

Da Camada 9 são provenientes a grande maioria dos fragmentos anfóricos recuperados: a parte inferior de uma L. 9 (n.º 15), a parte inferior de uma L. 7 (n.º 16), a parte superior de uma L. 5 (n.º 18), um fragmento de boca e colo de L. 4 (n.º 19) e a parte inferior de uma L. 5 (n.º 22).

Da Camada 10 foram recolhidos uma parte inferior e um fragmento de fundo de L. 4 (n.ºs 13 e 14) e a parte superior de uma L. 5 (n.º 17).

Apenas dois fragmentos de bocas de ânforas não são de fabricos lusitanos, sendo ambas africanas: o n.º 21, proveniente da Camada 8, pertence ao tipo Keay IV, uma ânfora talvez oleária, originária da África Bizacena e com uma cronologia dos finais do século II aos finais do IV. O n.º 20, proveniente da camada 9, pertence a uma ânfora possivelmente oleária, de tipo Keay XI, de origem tripolitana e com uma cronologia compreendida entre os meados do século I e cerca de 400.

Das denominadas Cerâmicas Comuns, apenas dois dos fragmentos encontrados fogem aos fabricos locais ou regionais de cerâmicas feitas ao torno, com pastas de textura folheada, quartzíticas e calcíticas: trata-se da boca de almofariz n.º 49, da Camada 9, e um fragmento de boca, bojo e asa de tacho de fabrico manual (n.º 50), proveniente da Camada 7, e de forma integrável no “Grupo Alicante” das cerâmicas visigodas (C.E.V.P.P., 1991, Fig. 13, 6-8).

Das cerâmicas comuns romanas tardias, de fabrico local ou regional, queremos aqui destacar os conjuntos formados pelos funis, n.ºs 23 e 24, provenientes da Camada 10; as painéis de bojo ovóide, colo convexo e lábio boleado, n.ºs 43 a 45, provenientes da Camada 9, e os tachos n.ºs 25, 26, 28, 29 e 34 da Camada 9 e n.ºs 27 e 35 da Camada 10. Com as paredes troncocónicas e o lábio introvertido, conhecemos já publicadas para Lisboa duas peças deste último tipo com o perfil completo, provenientes das escavações de cetárias no BCP (Gaspar, in Amaro et al., 1995, p. 46, n.ºs 134 e 136). Apresentam um fundo raso e uma altura de 80 e 99 mm, tendo sido classificadas como frigideiras. Seguindo Jorge Alarcão (1974, p. 33), dada a sua altura e lábio introvertido, preferimos classificá-las como tachos.

Oito fragmentos de *imbrices* foram recuperados na Camada 8 e cinquenta e quatro são provenientes da Camada 9, incluindo-se entre estes últimos os únicos *imbrices* completos: intacto (n.º 52) ou completamente restaurável (n.º 51).

Os *imbrices* são de dimensões variáveis, apresentando alguns no dorso das suas bases, marcas esgrafitadas antes da cozedura, que interrogámos como podendo ser letras gregas: **Psi** nos n.ºs 51, 53 e 54; **Delta** no n.º 52; **Kapa** no n.º 55 e, dentro desta lógica, um possível **Omega** no n.º 56. Sendo este tipo de grafitos legíveis enquanto marcas de controle de produção, não é dispendioso pensar que tenham aqui os seus valores de numerais, dado o seu desenho denunciar mãos distintas.

A provável utilização do alfabeto grego nestes *imbrices* de fabrico local, datáveis dos finais do século IV ou dos inícios do V, poderá entender-se no contexto da importância que as comunidades e a área helenizada do Império assumem na Antiguidade Tardia. Dentro desta linha, embora seja importada, compreende-se o achado numa cetária das escavações do BCP de um bordo de uma peça, que pensamos ser um almofariz e não um alguidar como se encontra classificada de forma interrogada (Guerra, in Amaro *et al.*, 1995, p. 34, n.º 30). Datada contextualmente dos séculos IV e V, apresenta uma marca de oleiro estampada em caracteres gregos.

Conclusão

A escavação que agora publicamos, efectuada numa área muito limitada, comprova-nos a existência de mais uma unidade de transformação de pescado, numa zona de Lisboa onde o acompanhamento arqueológico das obras apenas as tem vindo a registar desde os finais da década de oitenta. É já hoje muito clara a importância que a conserva e a transformação do pescado assumem na Lisboa Romana, de tal forma que os seus ciclos produtivos se reflectem nas construções públicas da cidade (Diogo, 1994). Para além de contribuir para a cartografia da área fabril piscícola de Lisboa, esta intervenção contribui naturalmente também para a datação das variantes dos tipos cerâmicos encontrados, principalmente das ânforas Lusitanas e das cerâmicas comuns de fabricos locais e regionais.

Embora não seja conclusiva por si só, pensamos também que, complementada com os estudos que outros investigadores e nós próprios temos vindo a efectuar em materiais, níveis e estruturas romanos de Lisboa, esta intervenção permite avançar com a data do abandono total das fábricas de pescado de Lisboa, e logo da produção de ânforas Lusitanas, para a segunda metade do século V, explicando assim a grande quantidade relativa de cerâmicas finas originárias do Mediterrâneo oriental que encontramos em Lisboa, cujo tráfego obrigava a circuitos mercantis estáveis e com mercadorias de retorno.

A cetária aqui estudada não apresenta quaisquer indícios de reocupação após o seu abandono enquanto fábrica. Pelo contrário, a existência de grande quantidade de espinhas de peixes — ainda em estudo e que permitirão conhecer os peixes então aí processados — aponta para um abandono imediatamente associado à sua destruição, o que é confirmado pelas características das camadas estratigráficas. Um outro indício é a existência de um fragmento de prato em sigillata africana clara D, de forma Hayes 76, na Camada 10 (n.º 5), sob as camadas de destruição da fábrica e que muito dificilmente poderá ser anterior a 425, podendo a sua cronologia chegar a 475.

Um último facto que queremos aqui destacar, é o do aparecimento do fragmento de tacho visigodo na Camada 7 (n.º 50), uma camada formada após a queda do telhado e da destruição das paredes da fábrica.

Catálogo

1

Fragmento de boca e paredes de tacho, em Cerâmica Africana de Cozinha, forma Lamboglia 10 A.

Pasta alaranjada, dura e arenosa, com pequenos quartzos e raras partículas ferruginosas. Superfícies revestidas com engobe rosa-avermelhado, manchado, com uma banda escura e heterogénea no topo exterior.

RDF/93/54, camada 6.

2

Fragmento de boca e paredes de prato, em Sigillata Clara D, forma Hayes 67.

Pasta e superfícies alteradas pelas águas.

RDF/93/309, camada 9.

3

Fragmento de boca e paredes de prato, em Sigillata Clara D, forma Hayes 67.

Pasta e superfícies alteradas pelas águas.

RDF/93/503, camada 9.

4

Fragmento de boca de taça, em Sigillata Clara C, forma Hayes 52 B.

Pasta e superfícies alteradas pelas águas.

Conserva vestígios da parte dianteira de um felino voltado à sua esquerda e em posição de salto, em alto relevo, aplicado no dorso da aba.

RDF/93/551, camada 10.

5

Fragmento de boca e paredes de prato, em Sigillata Clara D, forma Hayes 76.

Pasta e superfícies alteradas pelas águas.

RDF/93/548, camada 10.

6

Fragmento de boca e paredes de almofariz, em Sigillata Clara D, forma Hayes 91.

Pasta e superfícies alteradas pelas águas.

RDF/93/125, camada 8.

7

Fragmento de boca e paredes de prato, em Sigillata Clara D, forma Hayes 61 A.

Pasta e superfícies alteradas pelas águas.

RDF/93/496, camada 9.

8

Fragmento de boca e paredes de prato, em Sigillata Clara D, forma Hayes 57.

Pasta laranja-escura, muito fina, com abundantes minúsculas calcites e raras partículas ferroginosas. Superfícies mostrando bandas de alisamento, apresentando a interna um engobe laranja-rosado, mate.

RDF/93/564, camada 10.

9

Fragmento de paredes e fundo de prato ou taça, em Sigillata Focense Tardia, de forma indeterminável.

Pasta rosa-escura, muito dura, com abundantes calcites. Superfície interna engobada, rosa-alaranjada, mostrando bandas de alisamento.

RDF/93/286, camada 9.

Quadro das dimensões dos atributos das sigillatas						
N.º	Boca			Fundo		
	Diám	Altur	Espes	Diám	Altur	
1	348	18	9	-	-	
2	439	13	8	-	-	
3	248	9	7	-	-	
4	-	6	6	-	-	
5	-	14	8	-	-	
6	-	7	7	-	-	
7	-	15	8	-	-	
8	-	7	5	-	-	
9	-	-	-	-	5	

10

Ânfora, a que falta a base do bojo e o fundo, de tipo Lusitana 6. Lábio de fita, triangular e saliente. Asas ovaladas e pendentes, arrancando do lábio e do colo. Colo curto e extrovertido. Bojo em forma de charuto.

Pasta alaranjada, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites e partículas negras. RDF/93/545, camada 8.

11

Ânfora restaurada, a que falta parte do colo e a base das asas, de tipo Lusitana 4. Lábio triangular, muito saliente, de face externa boleada. Asas de fita, arrancando do lábio e do colo. Bojo fusiforme. Fundo muito curto, cilíndrico e maciço, de base côncava.

Pasta bege-rosada, muito degradada pelas águas, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites e inclusões negras.

RDF/93/16, camada 8.

12

Fragmento de bojo e fundo de ânfora, tipo Lusitana 4. Fundo cilíndrico, muito curto e maciço. Pasta bege-rosada, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites, pequenos nódulos ocre e partículas negras. Superfície externa manchada, com vestígios de engobe rosado. RDF/93/79, camada 8.

13

Fragmento de bojo e fundo de ânfora, tipo Lusitana 4. Fundo cilíndrico, muito curto e maciço. Pasta bicolor, alaranjada para a superfície externa e cinzento-alaranjada para a interna, de textura folheada e arenosa, com abundantes pequenas fendas longitudinais, quartzos, calcites, partículas negras e pequenos nódulos ocre.

RDF/93/618, camada 10.

14

Fragmento de fundo de ânfora, tipo Lusitana 4. Fundo cilíndrico, muito curto e oco. Pasta bege, alterada pelas águas, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites e partículas negras.

RDF/93/613, camada 10.

15

Fragmento de bojo e fundo de ânfora, tipo Lusitana 9. Bojo barrilóide. Fundo onfálico. Pasta alaranjada, com cerne acinzentado, de textura folheada e arenosa, com pequenas fendas, quartzos, calcites e partículas negras. Superfície externa revestida com engobe castanho-escuro, manchado.

RDF/93/150, camada 9.

16

Fragmento de bojo e fundo de ânfora, tipo Lusitana 7. Fundo alto, troncocónico e oco. Pasta bege-esverdeada, alterada pelas águas, de textura folheada e arenosa, com quartzos e calcites. Superfícies muito degradadas.

RDF/93/459, camada 9.

17

Fragmento de boca, colo, bojo e arranques inferiores das asas de ânfora, tipo Lusitana 5. Lábio saliente, boleado e de aresta. Colo curto e ligeiramente côncavo.

Pasta rosa-alaranjada, com largo cerne acinzentado, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites e partículas negras.

RDF/93/554, camada 10.

18

Fragmento de boca, colo, bojo e arranque superior de asa de ânfora, tipo Lusitana 5. Lábio ligeiramente pendente e boleado. Colo curto e ligeiramente extrovertido. Asa arrancando do lábio e do topo do colo.

Pasta bege-rosada, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites e abundantes partículas negras.

RDF/93/472, camada 9.

23

Fragmento de boca e paredes de funil. Lábio ovóide, introvertido e carenado. Paredes troncocónicas, arqueadas junto ao lábio.

Pasta bege-rosada, com largo cerne acinzentado, de textura folheada e arenosa, com quartzos leitosos e hialinos, calcites e partículas negras. A superfície interna conserva vestígios de engobe rosado.

RDF/93/559, camada 10.

24

Fragmento de boca e paredes de funil. Lábio ovóide, introvertido e carenado. Paredes troncocónicas, arqueadas junto ao lábio.

Pasta alaranjada, com largo cerne acinzentado, de textura folheada e arenosa, com quartzos leitosos e hialinos, calcites e partículas negras. A superfície interna conserva vestígios de engobe rosado.

RDF/93/558, camada 10.

25

Fragmento de boca e paredes de tacho. Lábio ovóide, muito introvertido e carenado. Paredes troncocónicas.

Pasta laranja-rosada, com largo cerne acinzentado, de textura folheada e arenosa, com quartzos e calcites. Superfícies manchadas.

RDF/93/331, camada 9.

26

Fragmento de boca e paredes de tacho. Lábio ovóide, introvertido e carenado. Paredes troncocónicas.

Pasta acinzentada, de textura folheada e arenosa, com quartzos e calcites. Superfícies com vestígios de bandas de alisamento.

RDF/93/365, camada 9.

27

Fragmento de boca e paredes de tacho. Lábio ovóide, ligeiramente introvertido e carenado. Paredes troncocónicas.

Pasta acinzentada, de textura folheada e arenosa, com quartzos e calcites. Superfície externa com engobe rosa-alaranjado, manchado.

RDF/93/546, camada 10.

28

Fragmento de boca e paredes de tacho. Lábio ovóide, introvertido e carenado. Paredes troncocónicas, arqueadas junto ao lábio.

Pasta alaranjada, de textura folheada e arenosa, com quartzos e calcites.

RDF/93/371, camada 9.

29

Fragmento de boca e paredes de tacho. Lábio alto, rectangular, introvertido e carenado, com um chanfro largo na face externa. Paredes troncocónicas.

Pasta alaranjada, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites e minúsculas micas. Superfícies com engobe laranja-rosado, manchado.

RDF/93/184, camada 9.

30

Fragmento de boca e paredes de prato ou tampa. Lábio boleado. Paredes troncocónicas, muito extrovertidas.

Pasta acinzentada, de textura folheada e arenosa, com quartzos e calcites. Superfícies com manchas de utilização ao lume.

RDF/93/132, camada 8.

31

Fragmento de boca e paredes de taça. Lábio boleado, com um chanfro na face superior. Paredes arqueadas.

Pasta laranja-avermelhada com largo cerne acinzentado, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites e partículas negras.

RDF/93/457, camada 9.

32

Fragmento de boca e paredes de taça. Lábio biselado. Paredes arqueadas.

Pasta alaranjada, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites e inclusões negras. Superfícies revestidas com engobe bege-rosado, manchado.

RDF/93/145, camada 8.

33

Fragmento de boca e paredes de tacho. Lábio rectangular, muito introvertido, carenado e de topo boleado.

Pasta alaranjada, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites, micas, inclusões negras e minúsculos nódulos ocres.

RDF/93/43, camada 6.

34

Fragmento de boca e paredes de tacho. Lábio biselado, ligeiramente introvertido e externamente diferenciado das paredes por um chanfro.

Pasta acinzentada, de textura folheada e arenosa, com calcites e quartzos grandes. Superfícies enegrecidas pela utilização ao lume.

RDF/93/174, camada 9.

35

Fragmento de boca e paredes de tacho. Lábio ovóide, muito introvertido e carenado. Pasta alaranjada, com largo cerne amarelo-alaranjado, de textura folheada e arenosa, com quartzos e abundantes minúsculas calcites.
RDF/93/593, camada 10.

36

Fragmento de boca e paredes de taça. Lábio carenado, vertical e boleado. Paredes arqueadas.
Pasta acinzentada, de textura folheada e arenosa, com quartzos e calcites. Superfícies negras, com bandas de alisamento.
RDF/93/366, camada 9.

37

Fragmento de boca e paredes de tampa. Lábio boleado, indiferenciado das paredes. Paredes troncocónicas, muito extrovertidas.
Pasta cinzento-clara, de textura folheada e arenosa, de grão fino, com quartzos, calcites, inclusões negras e abundantes minúsculas micas.
RDF/93/614, camada 10.

38

Fragmento de boca e bojo de panela. Lábio ambivertido, em aba espessa e pouco saliente. Pasta bege-acinzentada, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites e abundantes minúsculas micas.
RDF/93/362, camada 9.

39

Fragmento de boca de bilha. Lábio alto, muito saliente e moldurado.
Pasta bege-rosada, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites e abundantes inclusões negras. Alterada pelas águas.
RDF/93/442, camada 9.

40

Fragmento de boca e paredes de tigela. Lábio boleado. Paredes com carena saliente. Pasta bege, alterada pelas águas, de textura folheada e arenosa, com calcites grandes e quartzos. Superfície externa com vestígios de bandas de alisamento.
RDF/93/569, camada 10.

41

Fragmento de peso de rede. De forma anelar.
Pasta rosa-alaranjada, com largo cerne cinzento, de textura folheada, muito dura e arenosa, de grão fino, com quartzos e calcites.
RDF/93/482, camada 9.

42

Fragmento de boca, bojo e asa de pequeno pote. Lábio em aba larga e oblíqua. Asa de fita espessa e bilobada, arqueada e arrancado da sobeira. Bojo ovalado.

Pasta bege, alterada pelas águas, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites e minúsculas micas. A superfície externa apresenta manchas de utilização ao fogo.

RDF/93/86, camada 8.

43

Fragmento de boca, colo e bojo de panela. Lábio boleado, indiferenciado do colo. Colo alto, ligeiramente extrovertido e convexo.

Pasta laranja-avermelhada, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites, inclusões negras e minúsculas micas. Superfícies laranja-rosadas, manchadas.

RDF/93/324, camada 9.

44

Fragmento de boca, colo e bojo de panela. Lábio boleado, indiferenciado do colo. Colo alto e convexo. Ombros descaídos. Bojo decorado com uma canelura.

Pasta amarelada, alterada pelas águas, de textura folheada e arenosa, de pequeno grão, com quartzos, calcites, pequenos nódulos ocre e minúsculas micas. Superfície externa rosada, manchada, com vestígios de utilização ao lume.

RDF/93/531, camada 9.

45

Fragmento de boca, colo, bojo e asa de panela. Lábio boleado, indiferenciado do colo. Colo alto e convexo. Asa de fita espessa, arqueada, arrancando do lábio e envolvendo o colo. Bojo ovóide, decorado com uma canelura nos ombros.

Pasta laranja-clara, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites, pequenos nódulos ocre e partículas negras. Superfície externa com vestígios de utilização ao lume.

RDF/93/533, camada 9.

46

Fragmento de boca, paredes e fundo de pequena taça. Lábio ambivertido, formando uma pequena aba triangular. Paredes arqueadas. Fundo de base plana.

Pasta acinzentada, de textura folheada e arenosa, com pequenos quartzos, calcites e minúsculas micas.

RDF/93/335, camada 9.

47

Fragmento de boca e colo de almofariz. Lábio ovóide, ambivertido. Paredes com um resalto externo junto à sobeira.

Pasta bege-rosada, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites, partículas negras, pequenos nódulos ocre e minúsculas micas prateadas. Conserva vestígios de engobe rosado na superfície interna.

RDF/93/526, camada 9.

48

Fragmento de boca e colo de panela. Lábio ovóide e saliente.

Pasta laranja-avermelhada, com cerne acinzentado, de textura folheada e arenosa, com quartzos e calcites médias, partículas negras e minúsculas micas.

RDF/93/333, camada 9.

49

Fragmento de boca e paredes de almofariz. Lábio em fita, muito pendente, com uma pequena aba no topo.

Pasta creme-amarelada, de textura folheada e arenosa, com quartzos hialinos, leitosos e rosados, partículas negras e pequenos nódulos ocres.

RDF/93/182, camada 9.

50

Fragmento de boca, bojo e uma asa de tacho de fabrico manual. Lábio simples, ligeiramente introvertido e externamente diferenciado do bojo por um chanfro largo e superficial. Bojo ovóide. Asa pequena, em cunha, implantada no bojo.

Pasta vermelho-escura, compacta, dura e arenosa, com quartzos grandes e calcites muito abundantes. Superfícies revestidas com engobe castanho-avermelhado, manchado na superfície externa pela utilização ao lume.

RDF/93/66, camada 7.

Quadro das dimensões dos atributos das cerâmicas comuns

N.º	Boca			Asa		Colo		Bojo	Fundo	Altura Total
	Diá.	Alt.	Esp.	Lar.	Esp.	Diá.	Alt.	Diá.	Diá.	
23	282	7	15	-	-	-	-	-	-	-
24	295	5	12	-	-	-	-	-	-	-
25	274	9	18	-	-	-	-	-	-	-
26	289	11	11	-	-	-	-	-	-	-
27	278	9	10	-	-	-	-	-	-	-
28	284	8	14	-	-	-	-	-	-	-
29	298	20	12	-	-	-	-	-	-	-
30	270	6	10	-	-	-	-	-	-	-
31	240	2	11	-	-	-	-	-	-	-
32	240	7	10	-	-	-	-	-	-	-
33	336	12	9	-	-	-	-	-	-	-
34	367	12	18	-	-	-	-	-	-	-
35	-	7	15	-	-	-	-	-	-	-
36	-	14	10	-	-	-	-	-	-	-
37	185	-	6	-	-	-	-	-	-	-
38	176	11	18	-	-	-	-	-	-	-
39	125	32	15	-	-	-	-	-	-	-
40	-	3	6	-	-	-	-	-	-	-
41	-	-	-	-	-	-	-	72	-	22
42	104	11	4	20	13	-	-	98	-	-

N.º	Boca			Asa		Colo		Bojo	Fundo	Altura Total
	Diá.	Alt.	Esp.	Lar.	Esp.	Diá.	Alt.	Diá.	Diá.	
43	139	2	19	-	-	136	23	-	-	-
44	167	2	7	-	-	170	32	-	-	-
45	142		10	26	12	145	30	198	-	-
46	119	5	8	-	-	-	-	-	66	30
47	-	19	26	-	-	-	-	-	-	-
48	-	18	23	-	-	-	-	-	-	-
49	-	29	24	-	-	-	-	-	-	-
50	211	5	10	23	7	-	-	236	-	-

51

Imbrex fragmentado.

Pasta rosada, com cerne acinzentado, de textura folheada e arenosa, com quartzos e calcites. Superfícies bege-rosadas, manchadas.

Conserva um grafito **Psi** (?), gravado na base do dorso antes da cozedura.

RDF/93/631, camada 9.

52

Imbrex.

Pasta alaranjada, de textura folheada e arenosa, com quartzos e calcites. Superfícies rosa-alaranjadas, manchadas.

Conserva um grafito **Delta** (?), gravado na base do dorso antes da cozedura.

RDF/93/694, camada 9.

53

Fragmento de base de *imbrex*.

Pasta alaranjada, de textura folheada, com quartzos e calcites.

Conserva um grafito **Psi** (?), gravado na base do dorso antes da cozedura.

RDF/93/674, camada 9.

54

Fragmento de base de *imbrex*.

Pasta alaranjada, de textura folheada e arenosa, com quartzos e calcites.

Conserva vestígios de um grafito **Psi** (?), partido à direita e em baixo, gravado na base do dorso antes da cozedura.

RDF/93/665, camada 9.

55

Fragmento de base de *imbrex*.

Pasta rosa-alaranjada, de textura folheada e arenosa, com quartzos e calcites. Superfície superior rosada, manchada.

Conserva vestígios de um grafito **Kapa** (?), partido à esquerda e em cima, gravado na base do dorso antes da cozedura.

RDF/93/684, camada 9.

56

Fragmento de base de *imbrex*.

Pasta alaranjada, dura, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites, minúsculas micas e partículas negras. Superfície superior rosada, manchada.

Conserva vestígios de um grafito curvo, partido à esquerda, gravado na base do dorso antes da cozedura.

RDF/93/666, camada 9.

Quadro das dimensões dos atributos dos imbrices

N.º	Largura do topo	Largura da base	Comprimento	Espessura
51	215	312	624	18
52	150	210	578	20
53	–	242	–	19
54	–	–	–	8
55	–	–	–	24
56	–	–	–	26

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1974) - *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga* Coimbra: Universidade (Suplemento de *Biblos*; 8).
- AMARO, C. [et al.] (1995) - *Núcleo arqueológico da rua dos Correiros*. Lisboa, Fundação Banco Comercial Português.
- BUGALHÃO, J.; SABROSA, A. (1995) - BCP - Uma unidade de salga de peixe na Rua Augusta, Lisboa. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:3, p. 379-406.
- C.E.V.P.P. (1991) - Cerâmicas de época visigoda en la Península Ibérica. Precedentes y perduraciones. *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 49-67.
- DIOGO, A. M. D. (1987) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 5, p. 179-191.
- DIOGO, A. M. D. (1994) - Cetária da rua dos Fanqueiros. In *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados - Consultores, Lda., p. 267-268.
- DIOGO, A. M. D.; COSTA, J. M. (1996) - Elementos sobre a produção de ânforas e a transformação piscícola em Sines durante a época romana. In *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal - Publicações D. Quixote, p. 107-110.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1999) - Ânforas e sigillatas tardias (claras, focenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 83-95.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (no prelo) - Intervenção arqueológica na rua de São Nicolau, n.º 107/111 (Lisboa). In *Actas do I Colóquio Temático sobre Estudos de Lisboa*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- HAYES, J.W. (1972) - *Late Roman Pottery. A Catalogue of Roman Fine Wares*, London: The British School at Rome.
- HAYES, J.W. (1980) - *A Supplement to Late Roman Pottery*: London: The British School at Rome.
- KEAY, S.J. (1984) - *Late Roman Amphorae in the Western Mediterranean. A Typology and Economic Study: the Catalan Evidence* (BAR International Series; 196). Oxford: B.A.R.
- RAPOSO, J. M. C.; DUARTE, A. L. C. (1999) - Duas taças de *terra sigillata* africana na Quinta do Rouxinol. *Al-madan*. II Série. Almada. 8, p. 75-86.
- VVAA (1999) - Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade de Lisboa. Escavações e projectos de intervenção. *Al-madan*. II Série. Almada. 8, p. 87-92.